

Em carta a Figueiredo, Mitterrand defende a renegociação plurianual

por Norton Godoy
de Brasília

Em carta enviada ao presidente João Figueiredo, a propósito da reunião de cúpula de Londres, o presidente da França, François Mitterrand, afirma que, embora concorde com a discussão caso a caso sobre dívida externa, acredita ser necessário que ela se inscreva "num âmbito mais geral de análise comum sobre o problema". Informou ainda ao presidente brasileiro que essa posição foi compartilhada por todos os sete principais países industrializados que estiveram juntos em Londres, no mês passado. A resposta do presidente Figueiredo seguiu ontem para Paris e deverá chegar às mãos de Mitterrand hoje.

A carta do presidente Mitterrand foi entregue formalmente ao presidente Figueiredo, na última segunda-feira, pelo chanceler Saraiva Guerreiro, que a recebeu das mãos do embaixador francês, com cerca de três páginas. A carta de Mitterrand foi considerada como a mais positiva dentre as recebidas até agora dos participantes do "summit" londrino — Ronald Reagan, dos EUA; Margaret Thatcher, da Grã-Bretanha e Yasuhiro Nakasone, do Japão.

O chefe do governo francês conta na carta que se empenhou em fazer progredir a discussão, em Londres, a respeito da reflexão comum sobre os problemas

mundiais, em especial o caso do endividamento dos países em desenvolvimento. E que, neste particular, voltou a defender a tese da interdependência entre as economias do Norte e do Sul.

OS JUROS

Nessa carta ao presidente Figueiredo, Mitterrand diz que a ação sobre a taxa de juros "é primordial", concordando em que há um limite que, ultrapassado, levará os devedores a crises sociais e políticas. Afirma também ser necessário que se reforce a ajuda nacional (entre governos) e a internacional (entre instituições multilaterais), bem como apóia a idéia do reescalonamento plurianual da dívida de cada país devedor.

No entanto, após referir-se igualmente à necessidade de aumento nos valores dos Direitos Especiais de Saque (DES) do Fundo Monetário Internacional (FMI), e de que espera que sejam definidas novas medidas para a formação efetiva de um fundo de comércio de matérias-primas, com o intuito de regular os preços no mercado internacional — "criando previsibilidade em termos de investimentos orçamentários" —, afirma de forma contundente que "nada disso é suficiente — segundo pensa o governo francês — se não houver, pelo menos uma reflexão sobre a necessidade de uma reforma do sistema financeiro internacional.